



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA.**

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

MARINALDO DE SOUZA SILVA

**A OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA.**

CAMPINA GRANDE

2016

MARINALDO DE SOUZA SILVA

**A OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA.**

Artigo apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras a Distância.

Orientadora: Prof (a) MsC. Maria Betânia da
Silva Dantas

CAMPINA GRANDE

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARINALDO DE SOUZA SILVA

A OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO DO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA.

Artigo apresentado como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.

Orientadora: Prof (a) MsC. Maria
Betânia da Silva Dantas.

Aprovado em 23 de Outubro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Maria Betânia da Silva Dantas

Presidente: Orientadora MsC. Maria Betânia da Silva Dantas – IFPB

José Moacir da Costa Filho

Examinador (a): Prof. MsC. José Moacir Soares da Costa Filho – IFPB

Nelson Alves de Medeiros

Examinador (a): Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros – IFPB

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Luzia

Ao meu avô (in memoriam)

Ao meu melhor amigo, Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela possibilidade de tecer meus dias com coragem e fé, tornando-me mais guerreiro do que poderia imaginar.

À minha orientadora, professora Betânia Dantas, por acreditar em mim e por me apresentar ao mundo da pesquisa na área didático-pedagógica de forma prazerosa e comprometida, sempre com paciência e respeito.

Às professoras Edilane Bento Rodrigues Moreira e Rosa Lúcia Vieira Souza, pelos diálogos que contribuíram muito para meu trabalho e para minha formação como pesquisador.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras, pelos vários ensinamentos.

À minha mãe, meus irmãos e minha avó, por me darem apoio incondicional em todos os momentos de minha vida.

Aos meus colegas graduandos e pesquisadores do Programa PIBID do Curso de Licenciatura em Letras do IFPB, Aparecida Moura, Edilene Araújo, Elaine Cristina, Eliane Gomes, Fabíola Duarte, Ibiara Yone, Josimar Costa, Madalena Vasconcelos, Maria de Fátima, Maria Verônica, Roberta Lucena com quem compartilhei muitos momentos de empolgação, discussão, angústia, alegrias e cooperação.

Aos meus grandes amigos, Lucas, Severino dos Ramos (Biu), Edvânia Chianca, Janes Cleide, Jacinta, Janaína Azevedo, Luís Carlos (Carlinhos), Marcelo Bianchi, que sempre mantiveram a torcida por mim.

Ao meu amigo Junior, pela revisão de meu trabalho e pelas acolhidas muito agradáveis junto à sua esposa Késia e filhos.

À Kátia, pela boa amizade e pela recepção quando eu mais precisava no Protocolo do IFPB.

À direção e a equipe pedagógica da EEEFM Carlota Barreira por me permitirem a coleta de dados na instituição.

Epígrafe

Aprender a ler é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura é um ato de educação e educação é um ato profundamente político. (Antônio Joaquim Severino).

RESUMO: Este artigo visa compreender como as práticas de textos orais e escritos podem ser observadas como técnicas de avaliação para o ensino de língua portuguesa. A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira etapa foi realizada através de observações de aula ministradas numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental II na EEEFM Carlota Barreira, em Areia – PB. Além disso, a pesquisa buscou indicar qual a necessidade de se estudar esse tipo de técnica, para que o ensino tenha maior ação efetiva e busque realmente favorecer o processo do ensino e aprendizagem pelo aluno, de maneira que o professor também consiga, dentro desse processo, fazer avaliação de sua prática. Ainda neste contexto, procuramos mostrar que a técnica de observação, quando utilizada de forma científica, alcança um patamar avaliativo e relevante no processo de ensino nas aulas de língua Portuguesa. Na segunda etapa da pesquisa, optamos por um questionário direcionado ao professor de Língua Portuguesa com o objetivo de coletar dados. Vale ressaltar que, o questionário foi destinado a um Professor de Língua Portuguesa com o objetivo de coletar dados. Em seguida, tomá-los para análise, baseando-se nos teóricos que trabalham com a observação, com as técnicas de observação, com as vantagens e limitações da observação, com a leitura e com a escrita. Por fim, iremos tomar como objeto de análise o questionário sobre observações feitas em sala de aula e às respostas dadas pelo professor, mostrando os resultados que foram alcançados em nosso trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Observação. Técnicas de Avaliação. Aulas de Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This article aims at understand how oral and written texts can be viewed as evaluation techniques for the teaching of Portuguese language. The research was carried out into two phases. The first one was carried out through classroom observations given in a classroom of the 9th year of Elementary School at EEEFM Carlota Barreira, in Areia - PB. Moreover, the research sought to analyze the need to study this type of technique, so that teaching may have more effective action and also sought to favor the process of teaching and learning by the student. In addition to all, it is expected that the teacher can also, within this process, make a self-evaluation of his practice. Considering the exposed context, we tried to confirm whether the observation technique, when used in a scientific way, reaches an evaluative and relevant level in the teaching process in Portuguese language classes. In the second phase of this research, we chose to use a questionnaire to be answered by the Portuguese teacher in order to collect data. It is worth mentioning that the only goal of such questionnaire was data collecting. Then, to analyze data, it were used theories concern observation, techniques of observation, together with the advantages and limitations of such technique applied to reading and writing skills. Finally, the questionnaire on the observations made in classroom, as well as the answers given by the teacher, showed the achieved results of our study.

KEYWORDS: Observation. Evaluation Techniques. Portuguese Language Classes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A observação, as modalidades, as técnicas e as limitações de avaliação do ensino de língua portuguesa.....	13
1.1 Modalidades da observação.....	14
• Quanto aos meios	
• Quanto ao número	
1.2 Técnicas de observação.....	16
2 Leitura, escrita e professor: mediação necessária na formação de leitores e usuários da escrita.....	17
2.1 Princípios gerais que guiaram as pesquisas em cada uma das perspectivas	18
a) Experimental-positivista	
b) Cognitivista	
c) Sociointeracionista	
3 METODOLOGIA.....	22
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE	34

INTRODUÇÃO

Dentre as etapas do planejamento e execução de um plano de ensino, nós sabemos que a avaliação é a mais polêmica e, sempre que é colocada em pauta, instiga discussões e, às vezes, algumas divergências, pois cada educador tem sua forma de avaliar e muitas vezes não está aberto a mudanças e a aceitar novas propostas de trabalho que atendam às transformações ocorridas na sociedade e consequentemente na escola; mudanças estas que requerem dos educadores novas abordagens e novas maneiras de desenvolver um conteúdo e avaliar sua apreensão pelos alunos.

Segundo Melchior (1999), existe vários tipos de avaliação, como a diagnóstica, a formativa e a somativa para acompanhar o processo de aprendizagem, o professor precisa utilizar vários instrumentos e técnicas, dentre os quais “**A observação como técnica de avaliação do ensino de língua portuguesa**”, tema deste trabalho. A técnica de observação é um processo considerado essencial para o desenvolvimento e acompanhamento global do aluno. Nesse sentido, na avaliação a técnica de observação não é a única forma de avaliação constante e a técnica diferencia-se dos tipos de avaliação

Por outro lado, a avaliação é uma das importantes ferramentas que o professor pode lançar mão a qualquer momento e fazer parte do processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, a avaliação tem toda sua discussão teórica e os instrumentos é que são as ferramentas que compõem essa avaliação. Dependendo da situação do ensino e da sua facilidade de aplicação, essa técnica pode e deve fazer parte das atividades diárias do professor, porque permite que, através de um olhar mais atento, obtenham-se informações acerca do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do aluno, redirecionando o foco de sua atenção e intervindo para que o propósito traçado e explicitado do planejamento seja atingido.

Para desenvolver a pesquisa proposta, tomaremos como base às técnicas de observação, as vantagens, as limitações e as teorias da “Avaliação educacional e promoção escolar”, de Arredondo e Diago (2009) no livro “Diversificar é preciso”. Arredondo e Diago (2009, p. 278) asseguram que, para que a observação da conduta de seus alunos feita pelo professor seja efetiva, é fundamental que ele possua um amplo conhecimento das características evolutivas socioafetivas e cognitivas deles é que tenha

um projeto prévio que prioriza a informação de que necessita, que será a base para análise das observações realizadas e das posteriores conclusões. Se assim não for, é muito difícil que possa discriminar entre as condutas que devem ou não ser observadas, e é muito possível que invista muito tempo e trabalho em registrar fatos que não são significativos (não relevantes para uma avaliação), enquanto passa despercebida outra série de condutas que deveriam ser registradas detalhadamente.

Para Despresbiteris & Tavares (2009), Vianna (2003) citado por Despresbiteris e Tavares, (2009), “A observação versus observador (processo e produto)”, de Lopes (2011), “Avaliação pedagógica: função e necessidade”, de Melchior que assegura que no entanto, devemos ter cuidado quando se fala em observação porque existe uma diferença entre olhar e observar, apesar de uma dimensão estar contida na outra, segundo Melchior (1999) assevera que: “Ao observador não basta olhar. Ele deve saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos (...) observar exige sair de si mesmo para ver o outro, selecionar informações, fazer diagnósticos, ordenar, decidir”.

Nesse sentido, cabe ao observador ver o professor observado com outro olhar como um todo, observando em todos os momentos o seu perfil de professor, suas metodologias, sua postura, suas atitudes perante aos alunos, dentre outras dimensões necessárias para uma prática educativa condizente e eficaz.

Por fim, faremos uso “Tipos e Técnicas de Pesquisa”, de Antônio Joaquim Severino que diz: "Aprender a ler é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura é um ato de educação e educação é um ato profundamente político”.

Além disso, nossas reflexões tocarão também questões relevantes às recomendações do livro “Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos”, conforme expõe Sant’Anna (1997) e os teóricos que tratam a leitura e a escrita, como: Antunes (2005), Bronckart (1999), Calkins (1989), Costa Val (1999), Garcez (1998; 2008), Góes (1993), Hayes (1980), Koch (2006; 2009), Orlandi (2001) e Rojo (1990).

Considerando que as práticas sociais de leitura e de escrita em sala de aula estão presentes cada vez mais em nosso cotidiano, de que forma essas práticas podem ser

observadas como técnicas de avaliação para o ensino e na modalidade da observação como pressuposição para o ensino da Língua Portuguesa?

Portanto, o objetivo real deste artigo é compreender como as práticas de textos orais e escritos podem ser observadas como técnicas de avaliação para o ensino de língua portuguesa em sala de aula. Além disso, procuramos indicar qual a necessidade de se estudar esse tipo de técnica, para que o ensino tenha maior eficiência e busque realmente fazer juízo do conhecimento que está sendo construído pelo aluno, de maneira que o professor também consiga, dentro desse processo, fazer avaliação de sua prática, procurando mostrar ainda que a técnica de observação, quando utilizada de forma científica, alcança um patamar avaliativo importante e relevante no processo de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente nos trabalhos com os textos orais e escritos.

1 A observação, as modalidades, as técnicas e as limitações de avaliação do ensino de língua portuguesa

A técnica de observação é considerada essencial para o processo avaliativo porque, através dela, pode-se acompanhar o desenvolvimento global do aluno. Logo, dentro do que se pede hoje em avaliação, a observação não é necessariamente a única forma de avaliar, porém, é a de uso mais constante. Para Melchior (1999, p. 76) “a observação é, talvez, a técnica mais adequada para apreciação dos aspectos do desenvolvimento que não podem ser aferidos através de provas ou outros instrumentos avaliativos”.

No entanto, devemos ter cuidado quando se fala em observação porque existe uma diferença entre olhar e observar, apesar de uma dimensão estar contida na outra (DEPRESBITERIS & TAVARES, 2009). Vianna (2003) citado por Depresbiteris e Tavares (2009, p. 122), diz que: “Ao observador não basta olhar. Ele deve saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos (...) observar exige sair de si mesmo para ver o outro, selecionar informações, fazer diagnósticos, ordenar, decidir”.

Arredondo e Diago (2009, p. 278)) asseguram que:

Para que a observação da conduta de seus alunos seja feita pelo professor seja efetiva, é fundamental que ele possua um amplo conhecimento das características evolutivas socioafetivas e cognitivas deles é que tenha um projeto prévio que prioriza a informação de que necessita, que será a base para análise das observações realizadas e das posteriores conclusões. Se assim não for, é muito difícil que possa discriminar entre as condutas que devem ou não ser observadas, e é muito possível que invista muito tempo e trabalho em registrar fatos que não são significativos (não relevantes para uma avaliação), enquanto passa despercebida outra série de condutas que deveriam ser registradas detalhadamente.

Podemos perceber que, observar não é algo simples, exige que o observador tenha domínio das técnicas para que possa aproveitar ao máximo as informações expostas pelos alunos, intervindo de maneira formativa, orientando os possíveis problemas encontrados e estimulando a efetiva resolução da tarefa, fazendo da observação realmente um processo avaliativo e contínuo, e não somente um mero registro, sem correlação com objetivos predefinidos.

Assim como outros instrumentos de avaliação, na observação também existem vantagens e limitações. Sant’ Anna (1995, p. 103) destaca as seguintes vantagens:

As vantagens da observação são de extrema importância, pois é um método direto de estudar os fenômenos em sua variedade, de caráter subjetivo, permitindo um registro fiel e mais exato de dados enquanto ocorrem, não requer cooperação por parte de quem é observado de forma específica, limitando-se a um número restrito de características a serem observadas durante um determinado período de tempo, é sistemática, estabelecendo-se os períodos de observações, sua duração, número total e a que intervalo eles se darão; é quantitativa, ou seja, ele irá traduzir em números as opiniões e informações para então obter a análise dos dados e, posteriormente, chegar a uma conclusão. Nesse sentido, a frequência com que os atos significativos ocorrem pode ser tomada como índice de extensão em que certos hábitos foram estabelecidos, é planejada, limitando-se à finalidade dos dados coletados, definindo antecipadamente as características a serem observadas e desenvolvendo categorias elaboradas a fim de identificar o fenômeno, localizar e codificar o que foi observado, é registrada, tanto quanto possível, imediatamente, a fim de evitar erros de memória ou serem perdidas coisas importantes.

Portanto, o professor observado por nós percebeu algumas técnicas de avaliação em sala de aula ao fazer uso em determinadas situações na interação entre professor-aluno no que diz respeito aos trabalhos com textos orais e escritos, buscando desenvolver uma prática condizente com o ensino para o alunado e tentando ver por um outro ângulo uma prática de ensino voltada para o conhecimento da língua e do funcionamento mental, considerando o conhecimento, mediando, explicando, esclarecendo, instruindo, definindo regras, esperando a competência mínima esperada, modelando, monitorando, estimulando e elogiando o progresso do ensino com textos escritos e orais, sempre com um papel de leitor e escritor crítico e com um positivo na sociedade na qual esses textos circulam.

As limitações deixam margens à subjetividade do observador, exigindo disponibilidade de tempo do observador, havendo possibilidade de pessoas, se souberem que estão sendo observadas, criarem impressões desfavoráveis ou favoráveis. Por outro lado, não aparecem, no momento da observação, os fatos esperados e o número “limitado” de fatos, pelo pouco tempo que o professor usa para realizar as observações.

1.1 Modalidades da observação

Para a realização de boas observações existem critérios que quando bem utilizados, levam a uma avaliação mais segura e eficaz. Critérios estes, utilizados em nossa prática observada que, segundo Sant' Anna (1997, p. 104) pode ser esquematizado:

a) Quanto aos meios:

1. Estruturada ou sistemática (dirigida);
2. Assistemática ou sistemática

b) Quanto à participação:

1. Participativa ou ativa.

c) Quanto ao número:

1. Individual: um único observador (Professor X)

Como vimos anteriormente, a observação assistemática é realizada de forma livre, ao contrário da sistemática, que é planejada, segue um rigor científico e é realizada através de fases que seguem uma sequência sumarizada a seguir com base em Arredondo e Diago (2009, p. 284-285):

Delimitação do problema (determinar o objeto de estudo a fazer sessões de observações exploratórias para delimitar o que nos interessa registrar); Coleta de dados e otimização do instrumento de registro (uma vez elaborado, devemos submetê-lo à prova e comprovar que se adapta perfeitamente a nossas necessidades). Análise de dados (trata-se de transformar corretamente a informação qualitativa que reunimos durante as sessões de observações em dados quantitativos); Interpretação dos resultados (trata-se de relacionar os resultados obtidos ao problema social, de forma que alcancemos um maior conhecimento deste).

Nesse sentido, toda observação assistemática parte de uma realização de forma livre. Já a observação sistemática é feita de forma planejada, seguindo um rigor da esfera científica e feitas obedecendo fases sequenciais. Nessa perspectiva, na sala de aula, seria importante usar tanto a observação sistemática como a assistemática: a primeira fornece informações mais constantes e estruturadas sobre os desempenhos dos alunos, a outra, de característica mais espontânea, considera as expressões dos alunos em suas múltiplas variáveis.

1.2 Técnicas de Observação

Arredondo e Diago (2009, p. 288-294) apresentam algumas técnicas de observação, dentre as quais se destacam e usamos em nossa pesquisa

- **Registro Descritivo:** utilizado para registrar as observações, com a diferença de que o professor determina antes em que situação vai analisar o aluno. Exemplo: Durante a realização da leitura oral, identificar a desenvoltura do aluno frente à sala.
- **Escala de Observação:** similar à lista de controle, com a diferença de que as escalas admitem diversas categorias para a avaliação do aluno. Exemplo: O aluno desenvolveu bem as atividades rítmicas: razoável, regular, satisfatório, muito satisfatoriamente. Trata-se de uma lista predeterminada, que indica vários aspectos relevantes do cotidiano do aluno, na qual o professor indica se o aluno desenvolveu determinada conduta ou não, dentro de uma escala de opções.

Nessa perspectiva, os autores lembram que existem outras formas de observação e que estamos dando ênfase a essas técnicas porque as consideramos mais importante devido a sua utilização. Lembramos ainda, que cada professor deve utilizar as técnicas de observação que melhor conhece e as que se mostram mais eficazes em cada caso.

2 Leitura, escrita e professor: mediação necessária na formação de leitores e usuários da escrita.

A nosso ver, a escola é tida como um espaço de prática educacional sistemática e planejada, tem papel fundamental na formação e capacitação de agentes/mediadores de leitura e escrita. Entre os quais se incluem especialmente professores.

Nessa perspectiva do contexto escolar, a leitura é vista como uma atividade interacional determinada pelas condições sociais, históricas e culturais de cada leitor. Nesse sentido, cada leitor atribui sentido e significado ao que ler de acordo com o seu nível de leitura realizada no percurso do fator tempo.

Durante nossa vida escolar, provavelmente, já lemos, falamos, escrevemos bastante sobre os conceitos de textos. O que realmente pode ser considerado um texto? Maria da Graça Costa Val (1993, p. 3) define-o como “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa ativa, semântica e formal”.

Ingedore Villaça Kock acrescenta que o texto pode ser:

“Entendido como uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escrito/ouvinte, leitor), em sua situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão” (KOCH, 2001, p. 10)

Percebe-se, nas duas definições acima, que o texto é usado para interação comunicativa oral ou escrita, independentemente de sua extensão. Isso evidencia que texto não é apenas o que está escrito com certa quantidade de palavras, sentenças e parágrafos. Dessa forma, um simples gesto ou uma única palavra são considerados textos.

Para Orlandi (2001, p. 69), “o texto não é definido pela sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas etc. “

Contudo, é preciso que haja organização das ideias, que o texto não seja um amontoado de palavras, frases sem possibilidade de construção de sentido. Ao produzir um texto é importante considerar que essa construção de sentido não está relacionada apenas ao autor, mas a partir da relação autor-texto-leitor-contexto.

Segundo Marcuschi (2001), “A visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de *influências mútuas* entre fala e escrita.” (p. 22).

Nesse sentido, a fala é uma atividade central no cotidiano das pessoas. Todavia, as instituições de ensino, os livros didáticos e professores não dão a devida importância à centralidade da fala nem na sua relação com a escrita.

Com relação à escrita, podemos notar que seu surgimento remonta há cerca de 3.000 anos antes de Cristo. De lá para cá, ao longo da história das civilizações e das transformações que ocorreram na organização e funcionamento das sociedades, a escrita foi se consolidando mais e mais como instrumento de registro histórico, de promoção e divulgação do conhecimento e também como prática interativa. Embora ainda existam comunidades ágrafas (em que a escrita não é usada como modalidade comunicativa), esses contextos constituem uma exceção à regra frente à predominância da sociedade grafocêntrica.

As décadas de setenta, oitenta e noventa do século passado foram muito produtivas na investigação das atividades de escrita. Ao longo dessas décadas, tais atividades foram avaliadas sob três perspectivas diferentes e predominantes: positivista, cognitivista e sociointeracionista (Garcez, 1989). Em linhas gerais, os pesquisadores investigaram a construção de determinados processos presentes na produção de textos escritos, como planejamento, revisão, preparação (HAYES; FLOWER, 1980; CALKINS, 1989), submetendo-se a análise dos textos ora ao contexto de produção e ora às operações cognitivas e de linguagem subjacentes à produção textual, caracterizando a perspectiva interacionista-discursiva (GÓES, 1993; SMOLKA, 1988; SMOLKA e GÓES, 1992; ROJO, 1990, 1992; GARCEZ, 1998).

Nessa discussão teórica, podemos estabelecer relações com a observação baseada no processo de ensino e avaliação dos trabalhos voltados para a leitura e a escrita do aluno. Nesse sentido, apresentamos a seguir uma síntese dos princípios gerais que guiaram a nossa pesquisa em cada uma das perspectivas elencadas a seguir:

2.1 Princípios gerais que guiaram as pesquisas em cada uma das perspectivas

a) Experimental-positivista

As pesquisas desenvolvidas sob esta orientação localizavam sua atenção no produto (os textos). Os pesquisadores procuravam acompanhar o desenvolvimento da produção escrita dos alunos por meio da pré-testes e pós-testes. Nesse sentido, com base em Garcez (1989), apesar de algumas limitações metodológicas, foi possível introduzir, na pauta de discussão, aspectos referentes ao processo da escrita, até então ignorados, por ainda ser predominante na época uma concepção de escrita como dom. Assim, questionavam-se os seguintes aspectos:

- Como os redatores planejam?
- Como escrevem? Como revisam?
- Como a escola pode enfatizar o processo?
- Como o professor pode detectar dificuldades?
- Como saber quais aspectos merecem ser alterados?
- O que é preciso saber sobre o processo da escrita?
- De que forma conhecimentos, tais como estrutura de argumentos, afetam a produção?
- Os alunos podem transferir habilidades adquiridas na escola para exigências da escrita no trabalho?

b) Cognitivista

Nesta perspectiva que representou um prolongamento da anterior, procurou-se desvendar os mecanismos mentais do sujeito, as etapas da escrita e as relações entre as diversas variáveis que interferem no processo de produção de textos. O modelo de redação em três estágios [pré-escrita (planejamento), escrita e reescrita] é ampliado, passando a incluir fatores como contexto da escrita, estímulo, pré-escrita, começo, elaboração textual, reformulação e edição.

Não só na etapa de revisão, mas principalmente nela, as atividades de escrita e leitura são consideradas como processos interdependentes. Na leitura de seu texto, Hayes e outros autores (1980) sugerem os seguintes procedimentos:

- ler tudo;

- reconhecer um novo objetivo, diferente do explícito no comando;
- fazer um sumário do conteúdo ou do propósito;
- focalizar a audiência;
- inventariar os problemas encontrados na primeira leitura;
- problemas globais (comentários gerais);
- problemas específicos (comentários precisos).

c) Sociointeracionista

Os enfoques anteriores, que estão bem relacionados, consideravam a produção textos vista sob o ângulo do conhecimento da língua e do funcionamento mental; sobre isso, Bronckart (1999) diz que faltou à abordagem cognitivista considerar a natureza interacional da linguagem, seu status social, e sua diversidade interna. No processo interativo, o conhecimento é mediado pelo par mais desenvolvido O professor explica, esclarece, instrui, define regras que asseguram a competência mínima esperada, modela, monitora, estimula e elogia o progresso, sempre com um papel crítico e positivo.

Essas concepções de escrita vão estar relacionadas a concepções de língua-linguagem, as quais fazemos usos em nossas práticas sociais no nosso dia a dia. Em consequência disso, elas vão direcionar as práticas docentes no momento da condução das atividades de produção textual. Nesse sentido, Koch e Elias (2009) estabelecem uma correlação entre concepção de língua e as três concepções de escrita:

- a primeira tem como foco a língua e remete àquela concepção de língua como sistema pronto; então escrever bem é ter domínio sobre a língua e suas regras. O texto é visto como um produto de um código (sistema da língua) a ser decodificado tanto pelo autor como pelo leitor.
- a segunda focaliza o escritor em suas capacidades cognitivas e de representações mentais e remete à concepção de língua como expressão do pensamento. Escrever bem é conseguir expressar esses pensamentos e intenções localizados internamente no escritor.

- A terceira concepção de escrita tem o foco no processo interacional que se estabelece entre os sujeitos nas situações comunicativas e se relaciona à concepção dialógica da língua, segundo a qual os sentidos são construídos na interação social. O texto, assim, é considerado um evento comunicativo, portanto, dinâmico, processual e de cuja construção participam todos os interlocutores, autores e leitores.

Ainda a respeito do caráter processual da escrita e de suas singularidades, convém retomar aqui o que diz Antunes (2005) sobre o ato de escrever. Para a autora, a escrita é uma atividade de interação, que visa a um destinatário; cooperativa, uma vez que a construção do sentido se dá na cooperação entre dois ou mais sujeitos; contextualizada.

Nessa perspectiva, as escolhas são determinadas pelas circunstâncias de comunicação, necessariamente textual, visto que a comunicação não é feita por meio de frases ou palavras soltas, mas através de um texto, composto de partes interligadas e interdependentes, coesas e coerentes; atividade tematicamente orientada, com uma ideia central a ser desenvolvida, e que constitui uma das finalidades do texto; é uma atividade que envolve não apenas especificidades linguísticas, mas também especificidades pragmáticas, ou seja, é marcada pelo contexto de comunicação; é uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de texto, isto é, segundo modelos mais ou menos flexíveis, essencialmente intertextual.

Assim sendo, retoma outros textos, constituindo-se assim de várias vozes, de vários discursos, finalmente, é uma atividade em relação de interdependência com a leitura, pois é a leitura que concretiza o processo interativo objetivado pela escrita do texto. Nesse sentido, os processos de textualização, que incluem os elementos linguístico-discursivos, estarão estreitamente relacionados ao gênero textual-discursivo utilizado, aos objetivos comunicativos e aos interlocutores envolvidos na situação de comunicação.

3 METODOLOGIA

Para a realização de nossa pesquisa, seguimos uma série de passos. No primeiro momento, nos preocupamos em delimitar o tema e definir os objetivos. Feito isso, passamos à escolha da turma e do Professor que seria observado/entrevistado. Assim sendo, a coleta de dados foi realizada em vários momentos. Para tanto, escolhemos alunos de uma turma do 9º ano, composta por 45 alunos, sendo 25 meninas e 20 meninos na faixa etária entre 13 e 15 anos. Em seguida, passamos para a coleta de dados, a qual foi feita através de um questionário com Perguntas feitas pelo Professor observador e Respostas dadas pelo Professor observando/entrevistando durante a etapa de observações de aula no Estágio Supervisionado. Em seguida, após a distribuição de perguntas contendo cinco enunciados enumerados de 1 a 5 (Anexo I). O passo seguinte será fazer a análise das respostas dadas pelo Professor no questionário aplicado.

A turma pertence à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Carlota Barreira”, situada na zona urbana do município de Areia, Paraíba e funciona nos turnos vespertino e noturno. O espaço físico da instituição escolar conta com um número significativo de docentes e uma excelente localização. Com base nos dados, pretendemos verificar o uso da teoria da observação como técnica de avaliação no ensino de língua portuguesa em sala de aula nos Eixos Leitura e Produção Textual. Além disso, iremos estudar os tipos de pesquisas que irão facilitar o nosso estudo durante o nosso trabalho. **Tipos de Pesquisa**

Segundo Severino (2007, p. 123) “a *pesquisa exploratória* busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. A *pesquisa explicativa* é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas [...]”. Nesse sentido, nós faremos uso da Pesquisa Qualitativa ilustrando o nosso trabalho com o Questionário aplicado ao Professor de Língua Portuguesa com questões subjetivas, almejando respostas imprevisíveis às perguntas propostas.

Técnicas de Pesquisa

As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizadas em pesquisas

conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias. Mas, obviamente, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas epistemológicos adotados.

Segundo Severino (2007, p.124-125) existem várias técnicas de pesquisa. Nesse sentido, faremos uso em nossa pesquisa de duas delas: a observação e o questionário.

- **A observação**, tida como todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa. Assim sendo, nós iremos fazer uso da observação em nosso objeto de estudo para a coleta de dados que servirá como suporte e subsidio metodológico de nosso trabalho.
- **O questionário**: Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou questões abertas. No primeiro caso, as respostas serão colhidas dentre as opções predefinidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal. De modo geral, o questionário deve ser previamente testado (pré-teste), mediante sua aplicação a um grupo pequeno, antes de sua aplicação ao conjunto dos sujeitos a que se destina o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo. O questionário será outra técnica que iremos fazer uso na coleta de dados para análise de nossa pesquisa.

Para construir o corpus dessa investigação, optou-se por um Questionário como instrumento de análise. O questionário foi destinado a um Professor X de Língua Portuguesa com o objetivo de coletar e analisar algumas questões, do tipo: 1) Como a técnica de observação poderá ser utilizada como instrumento de avaliação da leitura e da escrita do aluno?; 2) Quais são as vantagens e limitações da observação como instrumento avaliativo para o processo de ensino e de aprendizagem de língua Portuguesa?; 3) Qual seria a importância de um trabalho voltado para os textos escritos

como instrumento de avaliação do aluno: O que ele ganha com isso?; 4) Já em relação ao texto oral, você vê alguma importância em textos dessa natureza como instrumento de avaliação do aluno? Quais seriam eles?; 5) Você poderia relatar algum caso em que trabalhou com um gênero textual escrito e outra situação em que o foco era um gênero oral que serviram como instrumento de avaliação do alunado? Comente.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Baseando-se no levantamento de dados da pesquisa com um olhar bastante atento voltado para o Questionário, podemos perceber que o Professor é bastante coerente com as respostas dadas em todas as perguntas de 1 a 5. Nesse sentido, o docente faz uso de forma condizente em sua prática no que diz respeito aos trabalhos com os textos orais e escritos em sua sala de aula, aliando os conteúdos trabalhados com os eixos leitura e produção de texto escrito, contribuindo de forma eficaz e sociointeracionista com as práticas sociais que circulam dentro do espaço escolar e fora dele. Além disso, o professor entrevistado ressalta que é de extrema importância fazer uso da observação por parte do observador como instrumento de avaliação da leitura e da escrita do aluno. Nesse sentido, é possível perceber detalhes nem sempre expostos na interação entre professores e alunos. Segundo o professor observado: “Vale o ditado que afirma que quem está de fora vê melhor, ver por outro ângulo, que nem sempre o professor e o aluno conseguem ver, por estarem inseridos num contexto”.

Com base na perspectiva de Bardin (apud GIL, 2002), a análise de conteúdos desenvolvem-se em fases, uma das constitui pelo tratamento que envolve inferência e interpretação dos dados. Como exemplos de análises de conteúdos, vejamos como podemos demonstrar isso: **Pergunta 1) Como a técnica de observação poderá ser utilizada como instrumento de avaliação da leitura e da escrita do aluno?;**

Resposta do Professor X: A partir da observação, é possível perceber detalhes nem sempre expostos na interação entre professor e alunos. Vale o ditado que afirma: “Quem está de fora vê melhor”. Assim sendo, ver por outro ângulo, que nem sempre o professor e o aluno consegue ver, por estarem inseridos num contexto.

Análise: Como podemos perceber, a resposta do Professor X é bastante condizente com o nosso papel de observador em suas aulas de Língua Portuguesa em relação ao trabalho com os Eixos Leitura e Produção de Texto Escrito. Assim sendo, percebemos em seu ensino uma abordagem interacionista voltados para os trabalhos com textos orais e escritos. Uma vez que, dependendo da situação em que o professor ensina a Língua Portuguesa, a observação pode e deve utilizar vários instrumentos e técnicas em suas atividades diárias. Nesse sentido, permite que o professor através de um olhar mais atento, obtenha informações acerca do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo para

o ensino dos discentes, redirecionando o foco de sua atenção para que o propósito traçado e explicitado do planejamento seja atingido.

Pergunta 2) Quais são as vantagens e limitações da observação como instrumento avaliativo para o processo de ensino e de aprendizagem de língua Portuguesa?;

Resposta do Professor X:Há uma série de vantagens como perceber no local da aula, podendo recolher dados com mais fidelidade, avaliar diversos aspectos enquanto observa o desenrolar da aula.

No ponto de vista das limitações, muitas vezes o observador não entende claramente a abordagem, ou intenções didáticas utilizadas pelo professor. Em outro caso, a presença do observador pode mudar a forma de agir do professor e dos alunos, podendo criar uma situação que não seja comum na rotina da turma.

Análise: A nosso ver, o professor ressalta a tal realidade no papel do observador que, por muitas vezes, não são detectadas no primeiro contato as suas vantagens e limitações da observação como instrumento de avaliação. Assim sendo, o professor observado pode se policiar e lançar mãos de outros instrumentos e estratégias de ensino dos quais ele não fazia antes. Assim como outros instrumentos de avaliação, na observação também existem vantagens e limitações.

Nesse sentido, o professor observado por nós percebeu algumas técnicas de avaliação em sala de aula ao fazer uso em determinadas situações na interação entre professor-aluno/texto-leitor no que diz respeito aos trabalhos com textos orais e escritos, buscando desenvolver uma prática condizente com o ensino para o alunado e tentando ver por um outro ângulo uma prática de ensino voltada para o conhecimento da língua e do funcionamento mental, considerando o conhecimento, mediando, explicando, esclarecendo, instruindo, definindo regras, esperando a competência mínima esperada, modelando, monitorando, estimulando e elogiando o progresso do ensino com textos escritos e orais, sempre com um papel de leitor e escritor crítico e com um olhar positivo na sociedade na qual esses textos circulam.

Pergunta 3) Qual seria a importância de um trabalho voltado para os textos escritos como instrumento de avaliação do aluno? O que ele ganha com isso?;

Resposta do Professor X: De início, o texto é o foco do ensino da Língua Portuguesa, como uma unidade de sentido em situação discursiva, que depende da interpretação, do contexto inserido, da interação entre o falante e o ouvinte ou entre o autor e o leitor.

O aluno ganha mais confiança, consegue identificar as tipologias textuais e os diferentes modos de organização do discurso (narração, exposição, descrição, argumentação...), além de outras peculiaridades que trazem novos desafios ao aluno, explorando e ampliando a capacidade de leitura e escrita do aluno.

Análise: De acordo com a resposta do Professor entrevistado, podemos perceber como o trabalho com textos escritos é de extrema valia, porque depende dos conhecimentos que o aluno traz no percurso de sua vida escolar, sendo capaz ou não de atribuir sentidos e significados ao que ele escreve. Nesse sentido, a escrita grafocêntrica é tida como centro nas diferentes práticas sociais voltadas para o trabalho com os textos escritos, uma vez que, nem tudo que se fala se escreve. A partir do exposto acima, o aluno consegue ver a escrita não como um dom. Cabe ao professor acompanhá-lo no desenvolvimento da produção de texto escrita por meio de pré-testes e pós-testes. Isso implica dizer que, conforme assevera Lucília Helena do Carmo Garcez (1998) em seu livro intitulado “A escrita e o outro”, o professor tem que levar em considerações como o trabalho com textos escritos são vistos como atividades que exigem planejamento, condições de produção para que o redator consiga produzir determinados textos ou gêneros textuais, adequando-os as diferentes situações comunicativas de usos, O que escrever?, Como escrever? Para quem escrever e o que é preciso saber para bem escrever sem necessariamente precisar de fórmulas e regras prontas. Portanto, só aprende a escrever escrevendo.

Pergunta 4) Já em relação ao texto oral, você vê alguma importância em textos dessa natureza como instrumento de avaliação do aluno? Quais seriam eles?;

Resposta do Professor X: É importante trabalhar o texto oral, principalmente quando o professor lança meios interessantes, como a produção de textos orais ou a reprodução do texto lido ou escutado, procurando desinibir o aluno, além de mostrar a importância da entonação de voz, da dicção e da pontuação, utilizando pausas ou aprendendo a enfatizar alguns trechos significantes.

Análise: Podemos constatar nessa resposta, a importância do trabalho com o texto oral que, segundo Marcuschi (2001), assegura: “A visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas entre fala e escrita”.

Nessa perspectiva, o trabalho com a oralidade e os gêneros orais vai muito além. Já se trata apenas de performance. É preciso compreender como se estruturam, etc. adequando-os a determinadas situações comunicativas de usos orais, atribuindo-lhes sentidos e significados.

Pergunta 5) Você poderia relatar algum caso em que trabalhou com um gênero textual escrito e outra situação em que o foco era um gênero oral que serviram como instrumento de avaliação do alunado? Comente.

Resposta do Professor X: Trabalho sempre de forma simultânea (gênero escrito e gênero oral). Recentemente abordamos em sala de aula um texto sobre Família e o debatemos em sala, podendo observar que a oralidade é de extrema valia, de forma que o texto escrito foi a base, o fundamento para a discussão, para nortear o gênero oral. Os alunos lançaram suas impressões sobre o texto, além de complementarem com outras informações, que passaram despercebidas por mim ao propor o debate. Desse modo, a oralidade melhorou a tessitura do texto escrito.

Análise: Nesse sentido, podemos perceber que a leitura e a escrita são duas práticas indissociáveis para o ensino de Língua Portuguesa, sendo de extrema valia trabalhar com textos orais e escritos, observando e fazendo uso da função social, da situação comunicativa de cada um na sociedade onde circulam esses determinados textos, a estrutura e a organização textual, o suporte, a linguagem empregada em determinados gêneros e tipos textuais, atribuindo-lhes sentidos e significados tanto na leitura quanto na escrita através de conhecimentos prévios, inferências, dentre outros fatores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que existem vários instrumentos de avaliação, o professor deve conhecê-los e adaptá-los à realidade de sua sala de aula. Dentre eles a observação é, senão o de maior importância, o de uso mais constante, porque ocorre desde o início do trabalho docente, quando o professor entra pela primeira vez na sala de aula e olha atentamente cada um de seus alunos, procurando descobrir suas características, e vai até o final do processo avaliativo, quando o mesmo já dispõe de informações necessárias para atribuir juízos de valor às habilidades e competências adquiridas por seus alunos no decorrer do processo de ensino.

Quando se mostra a real importância da observação na regulação do processo educativo, esta deveria estar no centro das interrogações acerca da formação sistemática em que o professor se encontra envolvido, constituindo-se assim uma das suas dimensões fundamentais. A aposta é colocar a observação no seu devido lugar, ou seja, como componente dinâmica deste processo e, conseqüentemente, como instrumento fundamental de seu desenvolvimento.

Os autores estudados nos mostram que observar é uma prática comum exercida pelos educadores, embora muitas vezes não seja perceptível no primeiro momento. Mas quando percebida, faz-se necessária aprimorar e sistematizar para que o seu uso torne-se ferramenta confiável, válida e eficaz, auxiliando-os na etapa considerada mais difícil no processo de ensino e aprendizagem como suposições nas aulas de Língua Portuguesa.

Atualmente, o professor consegue avaliar o aluno, mas não define com clareza o seu real desempenho. São professores que se acomodaram no método tradicional, utilizando-se quase exclusivamente de avaliações somativas, ignorando muitas das vezes as informações e habilidades advindas da sala de aula. Essa atitude é típica do professor tradicional, resistente a mudanças e novas práticas pedagógicas, que por sua experiência, acredita ter todas as informações necessárias que precisam ser repassadas para seus alunos.

O professor que não recorre a uma observação previamente estruturada e sistematizada tende a reter com muita impressão os elementos críticos da sua aula, manifestando a tendência para formar opiniões subjetivas sobre os fatores que determinam o sucesso e/ou insucesso do seu desempenho.

Conforme o exposto acima ao utilizarmos a observação devemos tomar os devidos cuidados para que toda a expectativa em torno da eficácia dos dados obtidos não fique comprometida por sua impressão e tendência a subjetividade, portanto, deve ser uma ação bem planejada.

Um dos objetivos da observação da aula é justamente controlar a qualidade do ensino, contribuindo para diferenciar as opiniões dos fatos. Todavia, permanece ainda certa resistência à sua utilização, apesar desta disponibilizar informações relevantes acerca do produto e do processo de ensino. A observação, se bem planejada e com objetivos claros, fornecerá ao professor subsídios para conhecer as habilidades e competências de seus alunos e intervir para que as possíveis dificuldades detectadas sejam amenizadas ou sanadas. Ou seja, consegue definir qual o melhor meio para se chegar ao objetivo, tanto para um grupo, como individualmente, o que torna o processo menos cansativo e trabalhoso e mais coeso.

Para Martins (2006) ao tentar compreender a questão da leitura, vai dizer que ela é uma experiência individual e que pode ser caracterizada como sendo a decodificação de signos linguísticos, por meio dos quais o leitor decifra sinais, e também como sendo um processo de compreensão mais abrangente, em que o leitor dá sentido a esses sinais. Nesta direção de pensamento, Martins (op. cit.) afirma que a leitura é realizada a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, e que esse objeto pode ser de caráter escrito, sonoro, gestual, uma imagem ou até mesmo um acontecimento.

Nesse sentido, a leitura é uma atividade de interação em que o leitor atribui sentidos e significados a determinados textos de acordo com seus níveis sociais, históricos e culturais em determinadas situações comunicativas no uso da leitura de diferentes gêneros e tipos textuais.

Já a escrita consiste na utilização de sinais (símbolos) para exprimir as ideias humanas. A escrita é uma tecnologia de comunicação, historicamente criada e desenvolvida na sociedade humana, e basicamente consiste em registrar marcas em um suporte. Mesmo que, habitualmente, a função central atribuída à escrita seja a de registro de informações, não se pode negar sua relevância para a difusão de informações e a construção de conhecimentos. O avanço das novas tecnologias e as interações entre diferentes suportes (por exemplo, papel, tela) e linguagens (verbal ou não verbal) tem permitido, inclusive, o aparecimento de formas coletivas de construção de textos.

O(s) instrumentos(s) usado(s) para se escrever e os suportes em que ela é registrada podem, em princípio, ser infinitos. Embora, tradicionalmente, conceba-se que a escrita tem durabilidade enquanto a fala seria mais "volátil", os instrumentos, suportes, formas de circulação, bem como a função comunicativa do texto escrito, são determinantes para sua durabilidade ou não. Na maioria das vezes, a intenção da escrita é a produção de textos que serão alvos da atividade de leitura.

Por fim, a observação como técnica de avaliação no ensino de Língua Portuguesa é de extrema importância, porque através da observação o professor observador consegue ver determinados pontos negativos e pontos positivos que irão facilitar o trabalho com a leitura e a escrita dentro do espaço escolar e fora dele. Assim sendo, a partir dos pontos positivos e negativos o professor irá melhorar o ensino e terá práticas, metodologias e didáticas condizentes, melhorando o ensino e aprendizagem tanto do professor observador quanto do professor observando e dos discentes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com PALAVRAS coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

ARREDONDO, Santiago Castillo e DIAGO, JesúsCabrerizo. **Avaliação educacional e promoção escolar**. Trad. Sandra Martha Dolinsky. Curitiba: IBPEX; São Paulo: UNESP, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Portugal: Edições 70. LDA, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CALKINS, L. M. **A arte de ensinar a escrever**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DESPRESBITERIS, Léa e TAVARES, Marinalva Rossi. **Diversificar é preciso...: instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem**. São Paulo: SENAC de São Paulo, 2009.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A escrita e o outro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. **Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A criança e a escrita: explorando a dimensão reflexiva do ato de escrever. In: A. L. B. Smolka & M. C. R. de Góes (Orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar**. São Paulo: Papirus, 1993, p. 99-117.

HAYES, J. R. FLOWER, L. The dynamics of composing: making plans and juggling constraints. In: GREEG, L. W; SREINBERG, E. R. (Org). **Cognitive Processes on Writing**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1980.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**. São Paulo: Editora Pontes, 2004.

_____.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**. Tecendo Redes nos projetos da escola. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

LOPES, Ricardo. **Observação versus observador (processo e produto)**. Disponível em <http://www.cf.francisco-holanda.rcts-pt/public/elo?749.htm>. Acessado em 22/11/2015

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7ª Ed. São Paulo: contexto, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de Português**. Rio de Janeiro, Lucerna: 2001.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação Pedagógica: função e necessidade**. 2ª edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

Orlandi, EniPulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. Da Unicamp, 1988.

ROJO, Roxane Helena. **O desenvolvimento da narrativa escrita**: como são os textos que as crianças escrevem? Delta, v. 6, n. 2, 1990, p. 169-171.

SANT’ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. 2ª edição, Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2000.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Nome do Professor Entrevistador: MARINADO DE SOUZA SILVA

Nome do Professor Entrevistando: LUIS CARLOS TRAIANO DA SILVA "PROFESSOR X"

Nome da escola em que o professor Entrevistando atua:

EEEFM "CARLOTA BARREIRA"

Local onde fica situada a escola: AREIA - PB

Nível em que o Professor entrevistando atua: ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL II

Tempo em que trabalha como Professor: 22 ANOS

Formação do Professor entrevistando (cursos realizados, incluindo graduação, especialização, mestrado, dentre outros):

GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (EM ANDAMENTO)

1. Como a técnica da observação poderá ser utilizada como instrumento de avaliação da leitura e da escrita do aluno?

A partir da observação, é possível
perceber detalhes nem sempre expostos na
interação entre professores e alunos. Vale
o ditado que afirma que quem está de fora
vê melhor, ver por outro ângulo, que nem
sempre o professor e o aluno consegue ver, por
estarem inseridos num contexto.

2. Quais são as vantagens e limitações da observação como instrumento avaliativo para o processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa?

Há uma série de vantagens como perceber melhor a aula, podendo recolher dados com mais fidelidade, avaliar diversos aspectos enquanto observa o desenrolar da aula.

No ponto de vista das limitações, muitas vezes o observador não entende claramente a abordagem, as intenções didáticas utilizadas pelo professor. Em outra caso, a presença do observador pode mudar a forma de agir do professor e dos alunos, podendo criar uma situação que não seja comum na rotina da turma.

3. Qual seria a importância de um trabalho voltado para os textos escritos como instrumento de avaliação do aluno? O que ele ganha com isso?

De início, o texto é o foco do ensino da Língua Portuguesa, como uma unidade de sentido em situação discursiva, que depende da interpretação, do contexto inserido, da interação entre o falante e o ouvinte ou entre o autor e o leitor.

O aluno ganha mais confiança, consegue identificar as tipologias textuais e os diferentes modos de organização do discurso (narração, exposição, descrição, argumentação...), além de outras peculiaridades que trazem novos desafios ao aluno, explorando e ampliando a capacidade de leitura e escrita do aluno.

4. Já em relação ao texto oral, você vê alguma importância em textos dessa natureza como instrumento de avaliação do aluno? Quais seriam eles?

É importante trabalhar o texto oral, principalmente quando o professor lança meios interessantes, como a produção de textos orais ou a reprodução do texto lido ou escutado, procurando desinibir o aluno, além de mostrar a importância da entonação e da importância da pontuação, utilizando pausas ou aprendendo a enfatizar alguns trechos significativos.

5. Você poderia relatar algum caso em que trabalhou com um gênero textual escrito e outra situação em que o foco era um gênero oral que serviram como instrumento de avaliação do alunado? Comente.

Trabalho sempre de forma simultânea (gênero escrito e gênero oral). Recentemente abordamos em sala um texto sobre família e o debatemos em sala, podendo observar que a oralidade foi mais longe que o texto, de forma que o texto escrito foi a base e fundamento para a discussão, para nortear o gênero oral. Os alunos lançaram suas impressões sobre o texto, além de complementarem com outras informações, que passariam despercebidas por mim se não fosse o debate. Desse modo, a oralidade melhorou a situação do texto escrito.